

29/10/1932

reportagem

Director:
REYNALDO FERREIRA
(Reporter, X)



LER NESTE NUMERO: O Segredo do «Homem das três caras». — A martiriologia do casamento em Portugal e as suas estatísticas alarmantes. — Aventuras e recordações dum cauteleiro. — O tango foi creado por um fadista português?. — As rainhas brancas da África portuguesa. — O posto 444. — etc., etc., etc

ESPECTACULOS

DE LISBOA

TEATROS

Politeama — Areias de Portugal Interessante revista com, Luiza Sanelana e Erico Braga.

Avenida — O Escorpião, Colossal espectáculo pela companhia Maria Matos.

Maria Vitória — Sape Gato, em pleno exito.

Variedades — A formidavel e colossal revista — Desculpa O'Caetano.

Capitôlio — Cinema e Variedades.

CINEMAS

Cinemas São Luiz — A Bela Aventura, com Kate de Nagy.

Tivoli — O Concerto Rial de Sans-Souci.

Condes — O Rei do Beijo.

Central — Sob uma Falsa Bandeira Um grande film de espionagem.

Cine Ginasio — A Condessa de Monte Cristo — com Brigitte Helm.

Odeon — Era Uma Vez Uma Valsa.

Olimpia — O Campeão Audaz.

Chiado Terrasse — Dentro da Lei — com Joan Crawford.

Royal — Luzes da Cidade, com Charlot.

Europa — Escorregar não é cair.

Lys — Trader Horn.

Paris — O Segredo do Advogado.

DO PORTO

Teatro Sá da Bandeira — A grande opereta «A Violeta de Montmartre pela Companhia Armando de Vasconcelos».

Aguia d'Ouro — O Expresso de Xangai — Com Marlene Dietrich e Clive Brook.

Trindade — «O meu último amor» com José Mojica — Falada em espanhol.

S. João — Cine — «Quick o palhaço» com Lillian Harvey, Jules Berry e Armand Bernards.

Olimpia — «Quando te Suicidas». Falado em francês.

Batalha — «Ricardito e os Mexicanos» — Empolgantes aventuras do célebre atleta Richard Talmadge.

Azeite "SANTA CRUZ,"

O MELHOR PARA MEZA

Rua do Almada 179, 1.º — Telefone, 4998

PORTO

DIRT—TRACK

O KOLOSSAL CONCURSO DA ÉPOCA

BREVEMENTE

A Mais Completa Organização de Leitaria do País

LEITARIA

DA QUINTA

DO PAÇO

FABRICA DE HIGIENISAÇÃO DE LEITE:
EIRIS — PAÇOS DE FERREIRA
DEPOSITO E ESCRITÓRIO:
Praça Guilherme Gomes Fernandes, 49
PORTO — TELEFONE N.º 4303

Fornecedora da Santa Casa
da Misericórdia do Porto
E outros Hospitais

FABRICAÇÃO DE QUEIJOS

MACHADO & BRANDÃO

REPRESENTANTES

Das afamadas marcas

Mercedes-Minerva
RosengartA CASA MELHOR SORTIDA
EM ACESSÓRIOSImpermeáveis, capas de borra-
cha e agasalho

Rua de Sá da Bandeira, 193

PORTO

QUEREIS DINHEIRO?

JOGAI NO

GAMA

Rua do Amparo, 51

LISBOA

Preços correntes

Pelo correio mais \$80 para
registo.
Atende todos os pedidos da
Provincia.

Sempre sortes grandes

VINHOS AMADEU

Dos melhores

Vinhos do Porto

Este numero foi
visado pela
Comissão de Censura



reporter. HOMENS & FACTOS DO DIA

Os crimes da Rua 20 de Abril

N.º 102 / ANO III

Segunda-feira, 24 de Outubro 1932

DIRECTOR - EDITOR
REYNALDO FERREIRA
(Reporter X)

PROPRIEDADE DE
MERCEDES CAL

Escritórios: R. Picaria 73

Compos. e impressão

na Tip. LEITÃO

Rua da Picaria, 73

— PORTO —

NÃO me perguntem qual é a mecânica do que se pode chamar o ritmo das coincidências. E não é porque me falte uma visão lógica, bem deduzida e argumentada, do seu funcionamento; mas sim porque o meu espírito, à força de cingir-se em redor desses dinamos invivíveis e de colecionar «casos» de todos os feitios e aspectos criou não uma visão mas sim duas visões tão nitida, tão bem argumentada, tão... definitiva... como a outra! Este excesso de ideias sobre a mesma matéria, podia até tornar-se benéfico — se a primeira não fosse a antítese da segunda...

Mas se não posso revelar-lhes o que penso sobre as entranhas do «facto» — sinto-me suficientemente elucidado para poder silhueta e comentar, todas as linhas e os mínimos detalhes plasticos, exteriores, desse mesmo «facto».

O que é o «ritmo das coincidências»? É a estatística que nos indica, graficamente, as tendências simultaneas e convergentes de dois elementos; a tendência de determinado numero em favorecer determinado jogador ou em repetir-se com «ritmo» certo em plenos de rolêta, num determinado periodo; a tendência de certos fenomenos em anteciparem-se a certos acontecimentos, como se uma força mental e moral os dominasse fazendo dos primeiros arautos dos segundos; a tendência desta ou daquela casa em servir ritmicamente, de tablado de tragedias identicas ou semelhantes; a tendência de alguns individuos em passar sob a copa das arvores milagrosas da fortuna, sempre que está a cair de maduro, um fruto de ouro, ou a de outros individuos, em numero incomparavelmente superior, em patentear a formula industrial dum calçado maravilhoso e barattissimo, chave insofismavel duma rapida fortuna, nas mesmas epocas em que a natureza decreta que só nasçam creanças despernadas... Os nomes com que a Humanidade etiquetou o «ritmo das coincidências» — contam-se pela variedade de casos psicologicos em que se divide a mesma Humanidade. Os ateus chamam-lhe «Acaso»; os crentes «Providencia»; «Leis Insondaveis de Deus»; «Deus a escrever direito por linhas tortas»...; os supersticiosos, «Bruxedo», «Cousa má», «Mau olhar»; «Travessuras do Porco-Sujo» ou então, ao contrario: «Bom Olhado», «Anjo Protector», «Benção Divina», conforme o bem ou o mal, dessas coincidências...

O ultimo «grande crime» que ensanguenta ainda, colunas e colunas, dos grandes diarios portugueses e convulciona a sensibilidade do publico — o misterioso assassinato (misterioso até ao momento de escrever estas linhas) da governanta dum capitalista quando ella se encontrava sosinha em casa, na Rua 20 de Abril — é bem a prova do «ritmo das coincidências»...

Em pouco mais de um ano, de maio de 1931 a outubro de 1932, praticaram-se, na capi-

tal, tres crimes sensacionaes, dos que apaxonomam a opinião publica, dos que parecem gizados, pela sua tecnica de misterio intrigante e pelo seu folhetinismo sinistro, por Edgar Wallace ou por Pierre Souvestre; dos que, em suma, obrigam os nossos detectives a esfalfarem-se fisica e mentalmente, numa lufa-lufa esgotante e os nossos reporteres a abaterem mais uns kilos das suas já tenras e raras banhas. Ora, as circunstancias que formam o dinamismo de qualquer d'elles tanto podiam explicar esses crimes neste como naquele local; e em centenas de ruas da capital existem os elementos indispensaveis para a reconstituição das mesmas tragedias. Contudo, por um singular «ritmo de coincidências» todos elles foram praticados na mesma rua 20 de Abril!

Como explicas tu, leitor, estas tres coincidências?

O homem, mesmo quando, por principios de disciplina religiosa, censure, nos outros essa petulancia, não se resigna nunca a encarar um misterio blindado sem o decifrar ou sem atribuir, a esta ou aquela razão, a sua existência; e mesmo quando a explicação toma proporções de disparate aos seus proprios olhos — é mais fácil fechar os do que confessar a sua ignorância. Mas quando esse facto inigmatico pode ser atribuido à vontade, à remeditação de um adversário ou às consequências das teorias sociais antagonicas — o homem rejubila e numa cegueira e incoherencia mais berrantes ainda abaiotando o inimigo, com o seu index laminoso acusa-o da responsabilidade, directa ou indirecta, do que se passou ou do que se passa.

Em materia de crime, o homem exagera até à parcialidade, fanatica e desleal, essa tendencia...

Ao quebrarem-se os diques do absolutismo ante a torrente, impetuosa, do liberalismo, sempre que, por «ritmo de coincidências» se noticiava uma serie de crimes — os miguelistas, como quem prova que 2 e 2 são 4 — beravam à multidão abroncada, beata e ignorante: «Vejam os frutos das ideias sacrillegas desses pedreiros-livres... Era inevitavel...»

E ao contrario do que podiamos esperar, a dilatação de luz que o seculo XX trouxe aos homens, eles pioraram a sua miopia birenata. Podem as estatisticas desmentil-os e provar que, na proporção das populações, o crime tem minguado, sobretudo nos ultimos 80 anos; que são os meios pequenos, os meios divorciados da civilização e sem instrução nem divertimentos e não as grandes cidades, na relatividade numerica dos seus habitantes, que dão maiores contingentes de criminosos, que... Tudo escusado! Eles continuam badalando o seu erro cada vez com maior ruido e incoherencia. E não lhes basta agora o alvo dos outros homens e das outras ideias; servem-se de todas as creações, ou aperfeiçoamentos ou democratizações que simbolisam essas ideias: O cinema, a literatura, o jornalismo que não acata os seus dogmas; o direito do povo em gozar as mesmas comodidades e distrações dos outros mortais; etc.

Existe, sim, o «ritmo» das coincidências, que nos dá, de tempos a tempos, uma rajada de crimes, crimes que se agrupam, se assemelham e se sucedem, dentro do mesmo periodo — mas que, já se vê, como todos os «ritmos das coincidências», teem similiares em todas as epocas, seculos e paizes — sendo outrora, muito mais duradoiras e nefastas do que hoje...

Mas, mesmo noutra qualquer hipotese, que facil é desmentil-os. É a literatura realista que intoxica as almas? E esquecem-se que a literatura, sobretudo no nosso pais, viveiro de analfabetos, é luxo de uma pequena elite donde nunca saíram criminosos; e que estes, os que praticam esses crimes em serie e de banditismo puro, são, na sua quasi totalidade, gente pobre, analfabetos, uns; mal sabendo ler, outros e estes ultimos ignorando até o que é um romance ou um livro de filosofia social! É o jornalismo sensacionalista? Não consta que os grandes bandidos nacionais, aqueles que não tiveram emulo na nossa época, o José do Telhado por exemplo, se instruisse para o crime nas belas reportagens do Belo Redondo no «Seculo» — posto que nem o «Seculo» existia nem o Belo Redondo nascera ainda; e não é de crer que as primitivas gazetas desse tempo se dedicassem a reportagens sensacionais. O cinema? Em primeiro logar, esses senhores ficaram, para sempre, nos films anti-diluvianos quando o cinema, na infancia, era a arte mais plebeia, destinada apenas ao povo, produzindo melodramas sinistros, onde o sangue esguichava por todas as frinchas e em que era de mau gosto e de mau tom uma pessoa decente dizer que frequentava esse genero de espectáculo. A seguir, não creio que o Diogo Alves, o João Brandão e outros do mesmo jaez adubassem as más figadeiras com o nitrato dos sócos de Eddie Polo, das façanhas de Fantomas ou das chaeinas de Za-la-Mort, indo ao Chenteleir de Lisboa ou do High-Life do Porto, fazendo bicha na bilheteira e berrando, nas scenas culminantes: «Ahi tezo! Aperta-lhe o garganete!» ou então tomando apontamentos, como estudantes dum curso livre, durante uma lição pratica. É a educação moderna — no bom sentido da palavra (não confundir com as modas impudicas e desastrosas, modernas — que estas só afetam a certas classes — como se explica o assassino da Avenida Mozar, guilhotinado ha pouco, filho de uma familia burguesa conservadora em extremo e endinheirada, educado em principios antigos, catolico praticante e que as únicas vezes que questionou com a amante foi porque, apesar da sua expressa prohibição, a surpreendera a folhear um jornal de reportagens de crimes: «Não quero que leias essas porcarias!» — dizia ele. — São verdadeiros manuais de criminosos! — pouco «depois assassinava barbaramente um pobre velho para o roubar?»

Não meus senhores: aceitemos a teoria do «ritmo das coincidências» que nos poupa ao pecado de acusarmos inocentes e de encontrarmos decifrações ridiculas.

Reporter X

Aviso ao publico

Para atender a vários pedidos dos nossos agentes e ainda por motivos de ordem interna — avisamos os nossos leitores que o

REPORTER X

a partir desta semana

PASSA A SAIR ÀS 2.ªS FEIRAS

A MARTIROLOGIA DO CASAMENTO EM PORTUGAL

“Antes que cases, vê o que fazes...”



Um grito de alarme!

**As consequências trágicas da
epidemia dos casamentos pre-
cipitados e a voz das estatísti-
cas nacionais e estrangeiras**

DURANTE séculos—e sobretudo no século XIX em que os portugueses em vez de se oxigenarem, intoxicavam-se com o romantismo—o problema do casamento não chegou sequer a ser uma calamidade social. Apenas as aparências o scenografavam de tragédia. Limitava-se a uma fauna—a menos numerosa—e na essência não tinha a menor semelhança com o que hoje constitui uma ameaça geral... Separaram-nos a mesma distancia que vae do *Amor de Perdição* aos *faits-divers* policiaes de qualquer diário moderno.

Outr'ora—o problema—a tragédia—do casamento cifrava-se, quasi sem variante, neste libretto: os *papás*, ou para se vingarem do que os *papás d'elles* lhes tinham feito, ou por fanatismo da autoridade despótica, achavam-se no direito de dispôr do coração, da voutade, da ventura e dos gostos dos filhos—como da camisa ou dos sapatos que melhor lhes apeteceesse. E para que os filhos não se esquivassem nunca ao vexame dum servilismo d'escravo; e não tivessem a impressão que os pais lhes faziam a vontade, aceitando, sem recalcitarem, o noivo ou a noiva imposta—os papás tinham o cuidado de sondar primeiro as inclinações filiaes e só depois é que escolhiam o genro ou a nora—na certeza de que não acertavam com o gosto e as tendências dos filhos; e que estes, pelo contrario, sentiam pela escolha paterna a mesma repugnância que provoca o óleo de recinos... Graças a esta cruel e aperfeiçoada auctoridade paterna—era inevitável a reacção filial, o conflito, a tragédia—quer os filhos fôsem convencidos pelo argumento eloquente da sóva (outro direito paterna na época, e que não conhecia maioridades nem sequer os primeiros cabelos brancos, dos filhos quer resistissem a tôdas as ameaças e vencessem, vencidos, *elas*, sequestradas em conventos; *elles* expulsos do lar e do testamento; os *papás* estalavam d'orgulho ante a sua intolerância e a força ilimitada da sua autoridade! Era quasi uma glória—e os parentes, os amigos, os visinhos vinham felicitá-los como a um general apoz a tomada dum castello!

Por sua vez os *meninos* eram... da mesma tempera dos *papás*! Assim como os papás, para experimentarem e provarem a força do seu direito e a resistência do seu despotismo—impunham sempre a noiva ou o noivo que mais agoniava os filhos; os filhos só podiam escolher e amar a lambisgoia ou o valdevinos menos à medida da vontade paterna. Esta birra completava a outra; e as duas justas, enchendo, a transbordar, repertórios de tragédias gemeas; rompendo niagaras de lagrimas tiveram, na obra camaliana, uma consagração genial...

Mas os costumes mudaram numa meta-

morfose radical. Pulou-se de um pólo para outro pólo, como se salto dum banco para o soallo. Do exagerado despotismo paterna!—passou-se para o despotismo filial; dos excessos de disciplina que tornavam do homem e da mulher, muito para além da juventude, um *bébé*, sem vontade própria e sem direitos ante a vontade e a auctoridade dos pais, veio uma liberdade, precoce, rebelde, voluntariosa—incapaz de acatar sequer o mais suave e terno e sábios dos conselhos—mesmo quando esse conselho os podia salvar do abismo evidente que se abre a seus pés.

Além disso o *casamento*, para a grande maioria da mocidade portuguesa, perdeu todo o valor de um acto irremediável, a beleza, piegas ou exacta, a sua razão de ser sentimental. Casam-se sem a menor consciencia do que vão fazer, com a indiferença de quem dá o braço, na rua, a um amigo, sem inquirirem se a amizade, da outra parte, lhe garante a ventura moral; se os próprios sentimentos que os impelem são definitivos e se asseme-lham ao amor ou se, são apenas: vibrações de um desejo ou de um capricho; sem reflectirem um pouco sobre os resultados da conjunção dos dois caracteres; — do seu e o da outra parte, chaves únicas do futuro.

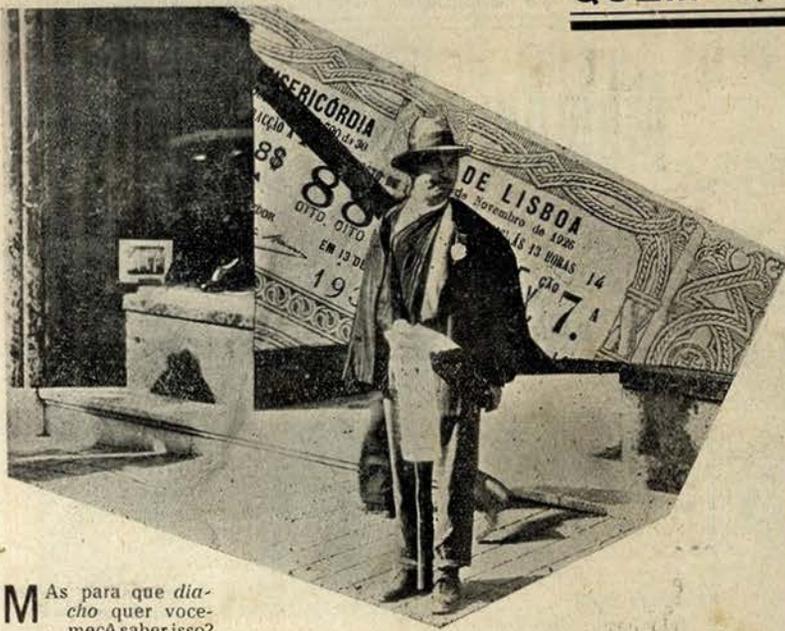
Não acusem a lei do divórcio ou a propaganda das leis bolxevistas do amor livre como focos desta infecção—e muito menos julguem que pretendemos insinuá-lo. E é fácil de deduzir porque... Em primeiro lugar—nessa epidemia—não existe, como dissemos, a menor premeditação, nem sequer a de qualquer deslealdade Levianos, inconscientes, obsecados eles não se casam d'olhos fitos no divórcio, contando com a lei como com um remédio fácil e barato, que os liberte rapidamente, no caso de se darem mal—pelo mesmo motivo que não contam com as surpresas de um carácter que não pretenderam profundar antes do casamento; que não preveem nenhuma das exigências do lar, materiais ou morais, pensando apenas no acto em si, na apoteose maravilhosa do primeiro dia—esquecidos (como dizia Zola) que atrás desse dia veem muitos outros dias. Portanto não podem ser vítimas do divórcio: porque não pensam em utilisá-lo! porque—e aqui reside a maior flagrança da sua inreflexão—se casam de *boa fé*, como se casaram os que mediram tôdas as consciências desse passo e que obedecem sobretudo à exaltação de um mútuo sentimento a que se chama *amor* e que é uma garantia de uma vida futura, harmoniosa e feliz. Em segundo lugar, não sofrem quaisquer influências das teorias russas modernas, porque essas, erradas, imorais ou lógicas, são preocupadamente exigentes, algebricas quasi não só na *consciencia*, com que o homem ou mu-

lher devem unir-se, depois de auto-analisados como componentes de um preparado químico, como sobretudo no referente à previsão material das necessidades e responsabilidades económicas do futuro lar. Ora se a nova insensata mocidade nem sequer atende ao lado, elementar—intuitivo—na decisão de se casar-se seja ao lado efectivo, sentimental—moral: não é menos leviana e imprevidente ante o problema mais grave (e de mais desagradável reflexão) do casamento ou seja o problema material; o problema económico. Neste ponto nivelam-se aos mais absurdos e românticos mártires do casamento da época camaliana... A visão das necessidades do casamento está atrofiado, nos seus espiritos—às despezas do registo civil e do copo d'água—e mesmo para estas lá estão os padrinhos ou os sogros!

O assunto é vasto como a sua gravidade—e a estreiteza do espaço não nos permite alongar o preambulo. Vamos precipitar um pouco as conclusões e as contra-provas para que não transborde da página reservado. Nos países tidos como os mais civilizados, a França, a Alemanha, a Bélgica—os escandina—*vocassam-se* muito menos do que nos países ibéricos, balticos—mas *casam-se*, de uma forma geral, *muito melhor—melhor* no sentido de previsão, de consciencia moral e material. Já antes da guerra era assim, depois da guerra assentou-se mais ainda essa tendência: Recordamos, por exemplo, um artigo que *Le Soir* de Bruxelas publicou em Janeiro de 1922, dizendo que de Agosto de 19 a Agosto de 20—apenas se tinham registado, em todas as *mairies* da capital 108 casamentos. E com uma população de 400.000 habitantes, segundo o censo de Bruxelas!!! Nesse mesmo periodo (foi quando começou a agravar em Portugal o casamento epidemico (realizaram-se só em Lisboa, 3592 casamentos! Sendo a população da nossa capital de 700.000 escasos habitantes—a percentagem foi de 50 casamentos por cada dez mil habitantes; enquanto que em Bruxelas não chegou a dar três casamentos por cada grupo igual de individuos. Ora como em nossa percentagem, pelo menos até 1930, não diminuiu, antes pelo contrario, e corresponde, aproximadamente, à estatística geral do país; ou seja, da população; fixemo-la para contrastar com as médias dos outros países: em Portugal, repetimos, a média anual de casamentos manteve-se (e passou) pelo menos até 1930, em 50 casamentos por 10.000 habitantes; enquanto que na Itália (país onde *mais se casam*, depois do nosso, na Europa) não atinge 20 casamentos por 10.000 individuos; na Espanha, 18; Romé-

(Continua na página 14),

QUEM QUER A GRANDE?



Aventuras e Revelações dum velho cauteleiro

O professor dos quatro filhos.—O último bilhete.—O latoeiro que queria por força a «taluda».—De surpresa em surpresa.—Tráfico com o inimigo.—O rapaz que fazia trapaça atrazando o relógio.—O inventor da máquina de ganhar sempre a sorte grande

“**M**As para que dia-cho quer você-mecê saber isso? Ah! E' para os jornais! Se eu lhe contasse tudo o que vi, ouvi e aprendi (que a gente aprende muito neste esfalfamento de vender jogo pelas ruas)—não lhe chegava o jornal para as escrever! E' que eu ando a *impingir a sorte grande* vae para... vinte e oito anos, faz agora no natal!

Estavamos num «botequim» típico, dos artigos, com serradura a atapetar o soalho enegrecido, cadeiras de fundo de palha, relógio de torre e caixeiro em mangas de camisa. Mandamos vir dois cafés, mui saborosos, por sinal, em chavenas estaladas e roidas e dois calices de bagoça—servido numa garrafa onde a marcação das doses estava gravada no vidro. João Maria Vidal, alunchado, pelos colegas, pelo «sobriquet» do «Garantias», é o cauteleiro da velha guarda, bem vincado em todas as características e afamado pela sua honradez que—segundo a sua propria expressão não o deixou nunca passar de «remediado» mas que oferece, em troca, *umas sonecas sem pesadelos nem remorsos*.

—Se me julgo honrado é porque tenho direito a isso. Um dia estava eu no giro da venda—chega-se-me um pobre diabo, barba crescida, fato no fio e um petiz em cada mão. «Ouça: você apreguou o 2468?»—«Sim senhor! E olhe que é um lindo numero!»—respondi-lhe a fazer o meu jogo.—«Dê-me cinco cautelas... (ainda era no tempo da lotaria barata e das cautelas)» Dei-lhas e o homem, depois de muito vasculhar nos bolsos acabou por ficar só com quatro—porque lhe faltava um pataco para a quinta. Todas as semanas me comprava o mesmo numero—e quando lhe saía algum dinheirito—sempre cousa miuda—comprava mais jogo... Uma semana mudou de numero... Pequena diferença! em vez 2468 quiz o 2568. Foi um trabalhão para o encontrar—mas servi-o. Isto durante um ano. Por ultimo já eu o ia esperar á saída da escola—era professor do B.A-BA, coitado... Durante esse ano mais duas vezes mudou de tineta—mas sempre á volta do numero anterior: primeiro passou de 2568 para 3568; e a segunda para 3578... Nunca o esqueci—e já lá va um bom par de anos! Um dia, como eu me mostrasse intrigado com essas mudanças—ele desabafou comigo «Tenho quatro filhos e via o futuro muito negro. Só uma sorte grande nos podia salvar; e sem saber como entrou-me a mania que a *grande* me havia de sair num numero em que juntasse asidades dos quatro petizes; e como estes eram de 2, 4, 6 e 8 anos—daí o 2468; mas como o tempo ia passando, e os peque-

nos crescendo, á medida que faziam anos, mudava um algarismo... Palavra que achei *piada* á tineta do homem e... vieram-me as lagrimas aos olhos... Eu tambem tive um garoto—que me ficou pelo caminho—e só Deus sabe o que era capaz de fazer e *engenh*ar para o ver feliz!

—Um sabado, pela primeira vez, saiu-lhe algo que se visse—uns quarenta mil reis que na época era dinheiro! Comprou um bilhete inteiro.—O resto fica para comprar outro bilhete—disse-me ele—daqui a quatro semanas, que é quando cá o herdeiro far nove anos e eu mudo mais uma vez o numero.» O herdeiro é o petiz mais velho que saia, com ele, da escola. E quatro semanas depois, andei como maluco a ver se encontrava o 2579 que eu não me esquecera do que lhe ouvira e queria fazer-lhe uma surpresa. Que alegria ao encontrar o 2579! Corri á escola e não o vi sair. Indaguei! Estava doente! voltei lá o outro dia e o outro... Não viera ainda! Depois—o sabado aproximava-se, não podia perder tempo—distraí-me; possou-me de memoria. Chega sabado—e *bumba!* A grande rebentava no 2579! Que pulo me deu o coração—dos tais pulos que dão cabo da gente! Mas o homem só me apareceu duas semanas depois, Vinha escanzelado—e mais triste que um viuvo: «Não lhe tenho aparecido porque estive doente. Alem disso—não podia comprar-lhe jogo—nem posso tão cedo. A doença rapou-me tudo!»—«Cale a boca, seu felizador! gritei-lhe eu. O bilhete saiu premiado com a *taluda!* No primeiro momento ficou como que tonto; depois com uma lagrimasinha nos olhos disse: «Pouca sorte E eu que não pude comprar!»—«E isto que tem? voltei eu. O senhor era freguez certo e eu guardei-lhe o bilhete para si; é seu. Vá recebe-lo e pague-me depois!»

O bom do «Garantias» rejubilava só de recordar a sua bela acção—o seu nobre sacrificio.

«São tantas—que nem que estivesse todo o dia a conta-las esgotava a reserva!—prosegue o «Garantias».—Olhe... Uma—muito antiga e que durante muitos anos me deu que pensar... Recordo-me que foi por ocasião da guerra. Um dia, passava eu, apreguando, por um certa rua—uma rua estreita onde abundam os latoeiros—quando fui chamado pelo patrão duma dessas oficinas, uma oficina modesta, pobretona como o dono.

Este estava á porta e chamou-me a curiosidade o modo como ele me olhava: era como se a minha pessoa lhe tivesse despertado uma grande ideia e que ele, sem me perder de vista, estivesse a dar voltas a essa ideia, e tanto olhou que me dirigi a ele a oferecer o jogo... Mas antes que lhe falasse—perguntou-me: «Levas varios numeros? Então escolha um bilhete mas de forma que eu não veja o numero, hein?» Falava tão alto, que um visinho vem acercar-se dele e os trez ou quatro unicos operarios pararam o trabalho para bisbilhotarem o que se passava.—«E' uma extravagancia que vai alem das minhas posses—berrou ele no mesmo vozeirão guardando, dobrando, o bilhete.— Vou ter de fazer economias durante um mez». Pagou-me e eu parti. Dois dias depois, estava eu na Praça senti que me batiam no hombro. Era o latoeiro: «Saia branco ou premiado—disse-me—não deixe de passar, á tardinha pela loja» que lhe compro outro bilhete. Não fátte, hein!?! Ia lá faltar! Chegou sabado—e o bilhete nem o mesmo dinheiro teve! Mas nem por isso deixei de lá ir... Mal entrei na rua vejo grande ajuntamento frente á oficina. Eram os visinhos e operarios que cercavam o meu freguez—e todos numa galhofa que me extranhou; e o latoeiro, logo que me viu, desatou a gritar: «Cá temos o homem! Vem ao cheiro! Olha o guloso!» Julgando que estava a mangar comigo ia a refilar—quando ele me abraçou exclamando: «Obrigado, camarada! Graças a ti estou rico! E logo a *grande!*» Pensei que o pobre homem tinha sido enganado e que estava convencido que o bilhete fora premiado—e não querendo deixal-o por mais tempo naquela ilusão ia a prevenil-o quando um valente beliscão no braço deixou-me no «Mas»... a frase que ia a pronunciar. «Entra... entra...—continuou ele, a empurrar-me para dentro da oficina. Quero que bebas um copo á minha saude e como já recebi o bago—vou dar-te já o que mereces! Estaria louco? Tudo o indicava—visto que eu tinha a certeza de que o bilhete estava branco! Deixei-me levar—e uma vez sosinhos os dois num cubiculo ao tundo da oficina, onde estava uma garrafa de vinho e uns copos—o latoeiro cochichou-me: «Não digas que o bilhete está branco! Ajuda-me a convencer que apanhei a *grande* e não te arrependérás. Para já—toma (e deu-me uma nota de cem mil reis); e podes vir cá to-

(Continua na pág. 15)

OS SEGREDOS DE UM CONSULTÓRIO

Memórias de um Médico

N.º 2

O Homem do Cloroformio

H Enfermeira do Dr. X que ofereceu a este jornal as memórias e os segredos do consultório onde trabalhou alguns anos e que já emocionou os nossos leitores com o primeiro episódio do seu dossier—«A Dama das Faixas Negras»—vai revelar, neste número, um capítulo verdadeiramente estranho e empolgante «O Homem do Cloroformio» já uma vez foi citado na nossa imprensa. Leia o Século de 12 de maio de 1907 — num telegrama datado de Bombaim. Agora assistimos ao desenlace dessa misteriosa vida...



Terminaram para que eu fizesse a experiênc

NÃO sei se os senhores acreditam em bruxas... Confesso-lhes, porém, que houve tempo que me ria delas — e que depois... de conhecer o Homem do Cloroformio mudo de conversa, quando abordam esse assunto. Uma amiga minha insistiu para que eu a acompanhasse a casa de uma cartomante muito afamada... O namoro jurava casar-se d'aí a dois meses — e ela desejava tirar a prova dos nove a esse juramento — através a sciencia de Mme. Lutecia (assim se chamava a virtuosa dama que ainda ha-de desfilir por estas memórias, num capítulo que leva o seu nome). Terminada a conferencia com minha amiga — terminaram comigo para eu... experimentar. Cedi... Do que lhe escutei apenas recorde estas palavras: «A menina vai hoje travar conhecimento com um homem que podia salvar meio mundo e que não deixam». Ora nessa mesma tarde antes da 1.ª consulta matava eu tempo folheando um livro — quando uma voz tímida, quasi saussurada me interrompeu a leitura, perguntando-me, numa algarviada de estrangeiro pouco habituado ao nosso idioma, se o sr. Dr. X já viera... Examinei o visitante. Era um pobre diabo, entre clown de circo e mendigo envergonhado, mixto de pelintra que recebeu ha muito tempo, de esmola, um fraque, umas calças listradas e um chapéu de côco — pertencente a um amigo mais alto e corpulento e que — já destinava estas prendas para o barril do lixo e de alguém que alguém foi e que caiu na miseria sem querer abdicar por completo da sua antiga personalidade. Devia orçar pelos cincoenta — ou então envelheceu precocemente o que era mais verosímil. Magro, pallido, olheirento, de pupilas apagadas e secas atraz duns oculos modestísimos; a barba fôra feita naquela manhã — mas a lamina não ceifara todos os pelos e deixara numerosos golpes nas faces.

Como lhe dissesse que era cêdo ainda, desenluvara a mão direita — uma luva charlottesca... — e tirando do bolso uma carta, entregou-ma dizendo: «E' de um amigo do sr. dr. X — o engenheiro R... de B... Faça-me a fineza de lhe entregar, quando vier... Eu não tenho pressa; espero o tempo que fôr preciso...»

O Dr. X chegou tardissimo e a sala es-

tava apinhada de gente. Entreguei-lhe a carta que leu com impaciencia — acabando por dizer-me que só podia receber o portador no fim da consulta. O ultimo doente abandonou o consultório às 8 e 5 da noite. O homem do fraque, havia cinco horas que, ora passeando num vai e vem ritmico, aguardava o momento de ser recebido. A's 8 e 10 retiniu a campainha do gabinete do doutor. Conduzi-o e, por um instinto de curiosidade, deixei a porta meio-aberta... Pelo visto o pobre homem era filho de holandez e de portugueza nascera em Timor e em Timor vivera muitos anos. Um desastre qualquer, arruinara-o. Estava na miseria mais aflitiva. Queria um emprego — fosse o que fosse: continuo, porteiro, servente... Mas o nosso amigo afirma que o senhor tem muitas habilitações! — notou o Dr. X. — Podia pretender uma situação mais... mais brilhante. O homem de fraque, retorquiu: «—O sr. R... de B... diz isso na carta? Tanto lhe pedi para não o fazer. E' que eu não quero outro emprego que não seja humilde — nem posso aceitar outra coisa... Habilitações, tenho-as, sim, senhor doutor... Mas se eu fosse a evocá-las sofreria novos desgostos, novas perseguições e já estou cansado de sofrer...» O Dr. X surpreendeu-se, de certo, com este desabafo — e exclamou: «Hom'essa! Agora é que eu não o compreendo! Que habilitações são então as suas?» Houve um silencio. O outro hesitava em responder. Por fim — mui baixinho, declarou. «Sou medico!!!» E como que temendo que o Dr. X, o tivesse por louco ou trapaceiro, acrescentou, com nervosismo: «—Juro-lhe que sou medico! Dou-lhe as provas quando quizer! Formei-me numa das melhores Universidades do mundo, a de Tokio. Meu pai foi Consul da Holanda e viveu muitos anos no Japão. A minha tese sobre o cancro mereceu as mais altas classificações. Depois, como meus pais voltaram para Timor — holandesa, onde finham propriedades, ali moutei clinica. Passei depois para a India; da India voltei a Timor e por ultimo — desgostos daqueles que nos estragavam a alma — fugi, escondi-me nesta terra que era de minha mãe».

A' saída, já depois do doutor lhe ter prometido interessar-se pelo seu assunto o ho-

mem do fraque», deixando o doutor sair à sua frente, dilatou as narinas, arregalou os olhos mortiços, gaguejando timidamente disse-me: «Cheira muito a cloroformio, não é verdade?» — «E' natural! respondi-lhe.» — «Se soubesse a emoção que me provoca este cheiro! Era até capaz de lhe fazer um pedido... um frasco com algumas gotas apenas! Não vá julgar que eu dou um toxinomano de uma especie nova — que me entoxico com cloroformio...» Havia tanto afan nesta suplica, tanta sinceridade — que eu, inconscientemente — fiz-lhe a vontade... E a partir d'então comecei a chama-lo o «Homem do cloroformio».

O engenheiro que o recomendara esteve, na tarde seguinte, no consultório — conversando com o Dr. X. Assisti à palestra. Ao falar-se do seu recomendado informou: «Que ele é medico e teve grande aureola em toda a Asia, não ha duvida, porque o conheci, em Timor, no apogeu da carreira. Vivia então com uma mistiça que lhe era dedicada até ao fanatismo, que o ajudava como ninguém e que ele amava profundamente. Estes amores nunca foram bem vistos... Mas esse homem tinha um segredo que lhe rendia a fortuna e a fama. Curava radicalmente os cancerosos! Duvidas? Tambem eu duvidei até... que tive a prova! Um dia apareceu em Timor a mulher do ex-governador de Singapura — que vinha expressamente tratar-se com o Dr. Weyser (é este o seu nome). Era uma cancerosa. Este curava sempre a operação dum misterio emocionante. Só a mestiça assistia ao seu trabalho. Do que constava o seu segredo — ninguém o soube nem ele o revela seja a quem for. Sabes-se, não, que cloroformisa o doente e que a operação dura meia hora. Dois anos depois encontrei-me a bordo dum barco inglez com essa senhora... Parecia outra. Saira curada e curada se mantinha... Começou a contar que existia em Timor um medico milagroso — e como os doentes, vindos de todos os pontos da Asia, eram cada vez mais frequentes — o Dr. Weyser resolveu mudar-se para meio maior. Ambição? Talvez! Mas o principal motivo era a hostilidade que existia na ilha contra a mes-

(Continua na pag. 10)

Foi um «poeta-fadista» português

O CREADOR DO TANGO ARGENTINO?

Pires Adão, o «Mavioso» e a «calle» com seu nome, na cidade do Rosário. — O editor Toscani — Uma vida com muitas. — A popularidade e a morte do «Mavioso»



José Pires Adão, el «Mavioso», foto tirado já na velhice, quando se fixou na cidade argentina do Rosário (de El Arte Nacional)

CONHECIAMOS a existência, na cidade do Rosário (República da Argentina), de uma rua com o quilométrico nome de «Calle José Pires Adão—el «Mavioso», porque nos caíra às mãos uma revista daquele país—*El Suplemento*—e porque, nessa revista, em correspondência fotográfica do Rosário—(o instantâneo do ex-presidente Alvear kodakizado frente a uma esquina da citada rua)—se lê nitidamente os dizeres do dístico municipal—inclusivo o *soubriquet Mavioso* acompanhado do artigo castelhano *el...* E, como era natural, surpreendeu-nos porque, se José tanto pode ser castelhano como português, o apelido Pires e sobretudo o Adão—com *ã* e *o*—eram insufismavelmente portuguesíssimos. O próprio *Mavioso* tresandava à Lusitana com o seu não sei quê de fadistice nacional.

Que evocava um compatriota nosso—não duvidamos! Mas que *Alpedrinha* seria esse e que feitos, proezas ou obras o teriam nimbado de fama e simpatia aos olhos dos argentinos—para que, a tantas milhas da pátria, no afilar final do continente americano, numa cidade cercada pelas *pampas* infinitas, merecesse a homenagem de ser eternizado nos dísticos de uma rua luxuosa? E—note-se—o eco da sua celibridade, na vida e na morte—nunca alcançava a pátria. São numerosos os portugueses que a tara da aventura ou o império das circunstâncias disparou para fóra de Portugal e que,

dispersos pelo mundo se glorificaram. Não falando já dos judeus, da época inquisitorial, que na França, na Holanda, na Inglaterra, na Alemanha, para onde o bafo ardente das fogueiras os afugentara e que, sem negarem nunca a pátria, se afamaram como sábios ou como artistas ou como economistas sendo ainda hoje focados, entre os maiores valores da História bastando estar o exemplo daquele médico israelita português que, no século XVIII, foi chamado por Frederico, o Grande da Prússia e por Catarina, da Rússia—e limitando-nos ao que cabe nos nossos dias, que desfilem Sousa, o Rei das Charangas e o Compositor mais popular da América—um ilheo; o John Novais, Reis Perestrelo e Levy Mac-Hado (Machado) um romancista, um dramaturgo e outro compositor que, na mesma terra conquistaram renome entre os melhores; o Dr. Bettencourt, sumidade médica que, num meio como Paris, se nivela às máximas sumidades; o desventuroso maestro David de Sousa, que Berlim como em St. Petersburgo imperial se guindara o mesmo altar de admiração que gozava entre nós; o próprio Pinerio (Pinheiro) o Ibsen da dramaturgia inglesa, se não era português, os pais portugueses eram; Cattle Mendes (Mendes) que descendia de portugueses como... São tantos! Mas nenhum nos surpreendeu, já na fofidão das homenagens póstumas—porque, melhor ou pior informados, os seus irmãos de raça seguiam, atentos, a trajectória da sua ascensão. Por isso aquele inesperado e desconhecido José Pires Adão, nos intrigava.

* * *

O restante caiu-nos do céu no úl-

timo número chegado de «El Arte Nacional» (datada de 25 do mez pasado) uma revista que se publica em Buenos Ayres e que trata de teatros, cinemas, literatura, artes plásticas, musica e *music-hall*. Numa crónica assinada Fernandez Cordoba e encimado por José Pires Adão, el «Mavioso»—«Um estrangeiro a quem o tango muito deve»—espigamos os trechos mais elucidativos. «Poucos serão os argentinos que desconhecem o «Tango «El Mavioso»; poucos sabem porem que é quasi tão velho como a tirania dos Rosas... Em 1856 um editor musical de Buenos Ayres—o italiano Humberto Toscani—que morreu riquissimo e viveu sempre miseravelmente—tendo feito uma *tournee* pelo paiz, para colocar as suas edições (era tão avarento que dispensava os caixeiros viajantes e os intermediários) conheceu, numa fazenda dos arredores de Vilafior—um estrangeiro magro, d'olhos pisados e tristes.

Con tinua na pág. 15.



Os dois chilenos teriam assassinado o patrão, se o «Mavioso»...

EXISTE ENTRE NÓS UM INDIVÍDUO

...que encarna trez personalidades, ...que vive trez vidas,

...que possui trez esposas, ...que exerce trez profissões:

AGENTE DE NEGÓCIOS, ACTOR E ENGENHEIRO

Obteve então...

CONFESSO que, no momento de bater com a «Eagle», sobre a meza de trabalho, os trez coups de Molere desta reportagem—me desoriento, como piloto sem bússola, ante a amalgama de notas e reminiscências que cerca o papel em branco. Entrechocam-se as exigências técnicas da narrativa, a boa ordem das datas e a simultaneidade desconcertante de

certos episódios. Começarei pelo caso de Julião Quintinha? Pelo meu sozia da cidade de F...? Pela Palestra no camarim de Henrique d'Albuquerque—que foi donde falscou a unica estrela que me guia neste Sahara de trevas? Era este ultimo, o preambulo ideal para acolchetar, logo d'inicio, com o anzol da curiosidade, os mesmos e a emoção dos leitores... Assim o ordena o manual do perfeito romancista de talento! Mas eu fui sempre um rebelde contra os moldes fixos—e não faço jornalismo como certas donas de casa inexperientes fazem o jantar: atravez de receitas culinarias. Começarei por onde entender... Ora, na ordem do tempo, aparece, em primeiro lugar o episodio do retrato... Foi em 1928...

O retrato do quasi sozia

Era a primeira vez que visitava a minuscula cidade de F... Um amigo expontaneo efereceu-se para me eicoronar; e se não fosse a prosápia e a lisonja com que me exhibia e que me nivelava a um fenomeno de feira, vexando-me—nem um profissional da Cook me teria prestado melhores serviços. Os senhores conhecem a Rua Principal da cidade de F... gemea a de todas as cidades provincianas. A mesma recta, a mesma estreiteza, os mesmos contelheiros, barbeiros e agencias funebres—com um pequeno caixão-d'amostra dependurado á porta como que convidando os mortos a preferir-o, pelas comodidades, solidez, e bom gosto... Uma manhã, atravessavamos a rua principal—quando o meu companheiro estacando, de subito, repetiu pela centessima vez o preambulo duma apresentação:—«Tu não conheces o «Reporter X?»»

Piparotiei o chapéu para o nuca e semicerrando as palpebras, resignadamente, ví que estavamos frente a um atelier fotografico e que a pergunta era dirigida ao dono da casa—um magrizona de dentes negros, lavieliere e mangas d'alpaca. «Conheço-o e até intimamente—respondeu o outro com alarde—Foi o ano passado—quando foste ao Porto... Ele esteve uns dias ahí e mandou-me chamar para que lhe fizesse uma foto artistica... das minhas. Já me conhecia... de nome! Apanhei-o á vontade, com um...—como se chamam esses balandraus?— Isso: robe-de-chambre ou kimono e de ca-

ESTE «Homem triplicado» é dos casos mais estranhos e perturbadores que se tem oferecido, até hoje, á reportagem portuguesa. Ele existe ainda, manobra ainda—e tudo indica até que a sua multipla actividade intensificou agora mais do que nunca. Passa ao nosso lado, fala-nos e discutindo sobre varias exteriorizações das suas varias personalidades. Tu, leitor, se não tiveste nunca negócios com o «comercianté»; se nunca encarregaste o «engenheiro» de executar qualquer obra—pelo menos já aplaudiste... o «actor». Se nas suas primeiras máscaras o desconheces e podes duvidar da sua autenticidade—vais reconhecê-lo, pelo menos, como artista. Não falta a estas reportagens dados de fácil comparação afastando a hipótese de uma fantasia.

chimbo na boca! Ficou catita e original, palavrál!

O meu «exibidor» pestanejou, coçou a barba, sem saber como rematar aquele fraccasso. Entretanto, observei, de sobre o olho franzido, o meu ignorado retratista, atontado tambem pelo imprevisito; «—O senhor desculpe-me—mas tem a certeza que era... ele? «indaguei». O homem ia a impacientar-se quando, ao fitar-me pela primeira vez, se desmanchou da sua prosápia, gaguejando... E ao vel-o assim—o meu cicero-ne, rejubilava e intervinha. «Estás enganado! Olha bem para este meu amigo!»

«—Mas... parece-me que...—titubiu o fotografo, afogueado mas concludente...—Se não é o senhor... é parecido com ele.»

«—Eu sou de facto esse jornalista—retroqui—; mas é a primeira vez que venho a esta terra e o senhor nunca me tirou o retrato.» A confussão provocada e que escarlatava as faces do pobre homem devia ser sincera: «Mas eu juro-lhe que lhe tirei o retrato... Olhe! Quer vel-o? Entre...» Entramos; o fotografo abriu gavetas e acabou por entregar-me, triunfante, uma foto. Facil era agora compreender o equivoco. O retratado, se não era positivamente meu



O grupo reuniu-se numa sala do Grande Hotel, graças ao ex-agente comercial

sozia—aparentava uma semelhança flagrante; apenas se podia notar uns detalhes de forçada parecença—algo que recordava os retratos dos actores maquilados para a scena... Os cabelos, por exemplo, não se submetiam ao novo penteado e... não eram, positivamente, os meus. «Foi borlado, meu caro senhor!—disse-lhe ao despedir-me e depois de lhe solicitar uma prova—que só agora, unida a tantos outros estranhos casos, teve a oportunidade de ser publicada. O cavalheiro, sabe Deus com que intuitos, fez-se passar por mim e como tal se retratou! Para coisa boa não era, não.»

Confesso que andei algum tempo obscado por este misterio. Não era a primeira vez que me constavam factos semelhantes—mas nunca tivera na mão a prova da parecença desse meu sozia. Mal supunha eu a insignificancia deste episodio—em contraste com os que deviam seguir-se-lhe...

Outra «duplicidade» inexplicavel

Em 1931, a redação deste jornal estava instalada no Rocio. Uma tarde entrou no meu gabinete um redactor que me disse, pezaroso: «Estou sinceramente preocupado... O nosso

camarada Julião Quintinha está em frente á sucursal do Seculo a engraxar os sapatos e fez que não me viu—ou pior ainda: olhou-me e voltou a cara, indiferente! Porquê? Que intriga terão arranjado?» Compreendia-se a sua magoa porque Julião Quintinha é, dos profissionais da imprensa, o unico talvez que não só não tem inimigos, como é respeitado e idolatrado por todos os colegas, graças á sua lealdade, á sua camaradagem, á sua bondade nata e tão pouco... na moda. Duvidamos... Julião não era homem que se esquivasse a um amigo ou que se suggestionasse por um dito. Pouco depois, João Fernandes e eu, debruçamo-nos de uma janela e como sou miope—distingui perfeitamente Julião Quintinha no local indicado—com um pé sobre a caixa dum engraxador ambulante. Neste momento retine a campainha do telefone. Um outro amigo perguntando-me se sempre se realizava nessa noite a premiere da minha peça «Dama do Sud»—porque constava que fora prohibida... Recordo que falou em Julião Quintinha mas não posso jurar se me disse que estava com ele na «Brazileira» do Chiado ou se tinha estado. A primeira hipótese perturbou-me por tal forma (eu acabava de ver Quintinha, no Rocio...) que não conseguí apurar a verdade antes que o outro desligasse... O positivo é que nessa noite, nos bastidores do Ginasio, ao receber o abraço amigo e sincero de Julião, lhe perguntei se Fulano o ofendera... Que não! Isso sim! Era uma joia! Quem me impingira essa patranha? Sem lhe responder—inquiri ainda se ele estivera a engraxar os sapatos, no Rocio, ás duas horas... «A essa hora estava na «Brazileira» do Chiado com Cirano... (o camarada que me telefonara)... Novos amigos entraram e sitiando-me, separaram-me de Julião antes que eu lhe explicasse o que se passara...

Mais tarde, desabafando com Artur Moniz—este agravou mais ainda a confusão que me provocara esta «duplicidade» evidente: «Já outro dia me succedeu o mesmo... Estive na Rua do Mundo com Julião e desci o Chiado. Frente á Estrela Polar choquei-me outra vez... com Julião... la a perguntar-lhe como conseguira passar á minha frente (o segundo Julião subia o chiado e o primeiro, ao despedir-se, subira a Rua do Mundo) quando dois motivos me obrigaram a conter: a diferença de fatos e a impossibilidade material daquele... ser o verdadeiro... Mas a mudança de fatos

Grande exito no Teatro

foi o que me esclareceu mais rapidamente: Julião trajava, como de costume, fato escuro—préto mesmo; aquél outro—vestia um fato claro! Mas existe outro detalhe notável: como eu tivesse esboçado um gesto e uma frase—logo reprimidos—o 2.º Julião sorriu-se bruscamente e com tão grande familiaridade me estendeu a mão e me perguntou... «como está você?»—que não tive remedio senão... corresponder á saudação...

«Você nunca soube o caso de Z... (e pronunciou o nome dum deputado democratico das últimas camaras)? Um dia foi procurado por um influente da provincia que lhe pediu, com grande interesse, para que certa missão official não sei a que país, fosse confiada a um protegido seu. A pretenção não era facil—mas Z pro-

(Conclue na página 131)



Dir-se-hia um «sozia» do illustre jornalista Julião Quintinha—que ele próprio não podia ser...



O retrato do meu «sozia»

desconhecido—tirado pelo fotografo de provincia, acusava grande semelhança, embora a gordura e o penteado...

ANTES QUE CASES VÊ O QUE FAZES

(Conclusão)

mja 15; na Grécia e Bulgária, 14; na Alemanha, Tcheco-Slavia, 12; na Hungria, Polónia e Yougo-Slavia, 9; na Holanda e Suécia, 8; na Inglaterra, 6; na Dinamarca e Austria, 4,5; na Noruega, 3; na França, 2,5 (e em 1922) 1 — apenas...

Outro contraste notável é o que se refere ás idades dos indiuídos que se casam. Em Portugal, tirando uma estatística ao acaso e tendo como base um grupo de 1.000 casamentos, vê-se o que se segue: *Eles*: até 18 anos:—235; de 19 aos 22: 312; dos 23 aos 25:—208; dos 26 aos 30:—133; dos 31 aos 40:—77; dos 41 aos 50:—33; com mais de 50:—12; e agora... *elas*: até 17 anos:—248; dos 18 aos 20:—322; dos 21 aos 25:—206; dos 26 aos 30:—92; dos 31 aos 40:—21;—dos 41 aos 50:—8; com mais de 50:—3...

Conclue-se que, em 1.000 casamentos, ou sejam em 2.000 *casados*, 1.531 (776 homens e 775 mulheres) não tinham mais de 25 anos! e que entre esses 483 não passavam dos 17 anos! Usando do mesmo processo com as estatísticas francezas, inglezas e italianas; tirando igualmente ao acaso, um grupo de 1.000 casamentos, vemos em França, 57, até aos 20 anos; 82, dos 21 aos 25; 596, dos 26 aos 35; 218 dos 36 aos 45; e os restantes de 46 em diante (*êles*); e no que refere a *elas*: até aos 20 anos; 653 dos 21 aos 30; 208 dos 31 aos 40; e os restantes de 41 em diante.

Ora, como basta este contraste... número para nos dar o péso exacto da gravidade do problema, em Portugal, Emquanto lá fóra as idades preferidas para o casamento são aquelas já citadas — entre nós, a grande percentagem — pertence aos conjuges *bébés*: êles ou destroçando a meio um curso que era a garantia do futuro; sem emprego ou mal colocados; sem uma defeza económica, sem sequer serem escravizados por uma paixão avassaladora que o explicasse — e sem outra razão que não seja a pressa infantil de *serem maridos*, pressa de *serem homens* — igual á que tiveram em uzar calças compridas, em fumar o primeiro cigarro, em fazer a barba (?) pela primeira vez — encarando apenas, como um paraizo cubicado a independência e uma mulher que seja propriedade exclusivamente sua, uma mulher em quem possam mandar e que lhes traz, sobre as poucas que conheceram até então, certas vantagens (vantagens essas que as colocam mais próxima a uma amante do que a uma esposa, e que, se fôsem confessadas teriam o sabôr amargo dum insulto)...

Elas, por seu lado — só vêem a liberdade, que os pais lhe negam, o passeio, o cinema-serem dona de casa — duma casa que muitas vezes nunca chegam a possuir, e noutras se limita a um quarto alugado.

Os desenganos morais começavam imediatamente a azedar as almas. *Ele* não era o que *ela* idealizara; nem *ela* o que *êles* pensara. *Ele*, passado o alvoroço da novidade recorda com nostalgia o café, os amigos, a liberdade que lhe parecia outr'ora limitada e... o próprio namoro. Começam as zangas porque êle sai, porque não a leva. *Ela* compreende, um pouco tarde, que a serenidade paterna era suave comparado com o despotismo ciumento do marido, que os ciúmes são mais raros agora, porque *êles* podendo ir duas vezes gozar bons films, não se sacrificia a uma só, acompanhada — e arrepende-se. O ordenado — se êle está colocado — não chega sequer para o essencial. Vêm as torturas e os ralhos da falta de pão. As desilusões sucedem-se; — vem o primeiro filho; a miséria aumenta; ela desmazela-se, parece envelhecer...

Os ralhos sôbem de tom — e vem a primeira agressão.

Separam-se — mas ou por não terem recursos

ou por desleixo, não se divorciam. As consequências dêste facto não podem ser mais nocivas para êles e para a sociedade. Eles na maioria dos casos, quedam-se num estado de morbidez moral dolorosissima: gostem muito, pouco ou nada da mulher, o seu amor próprio padece com a ideia de que *sua mulher legítima* possa fazer... padece porque não pode agora passar sem ela; padece porque compreende que já não pode viver com ela. Por sua vez ela, nem solteirá, nem divorciada, mas livre, em poucos casos, reage contra os que, conhecendo o seu estado o querem explorar. Não aceita ordens nem conselhos — porque é livre e, pela idade e mentalidade, não sabe defender-se da sua própria independência. Quantos milhares de raparigas novas não se encontram por êsse pais fora caindo aos poucos, da sua própria dignidade, tão inconsciente como quando quis casar-se com primeiro rapaz que lhe apareceu — até um dia se arrepender pela segunda vez — e igualmente tarde. E contudo a nossa mocidade não está gafada de maus instintos. Eles podiam dar modelares maridos e pais exemplares e elas esposas e mães admiráveis. E não dão! De quem é a culpa?

R. X.

Quem quer a grande ?

(Conclusão)

das as semanas que te fico com jôgo...

«Confesso que sai da oficina com a cabeça á razão de juros! Que queria tudo aquilo dizer? Com que fito representava ele aquela comédia? Ganhar ao jôgo e calar-se — tenho conhecido muitos; mas perder e querer convencer os outros do contrário — era o primeiro. Bom... Como ele prometera comprar-me um bilhete todas as semanas — eu nunca faltava ás segundas feiras. Pouco a pouco fui vendo coisas que me deixaram mais parvo ainda. O homem prosperava a olhos vistos. A oficina alargara-se, passara para o prédio da direita, e o da esquerda; pulara para o primeiro andar; e para o segundo; o escritório — que antes não existia — começou a encher-se de empregados e de máquinas de escrever. Ele próprio impava todos os dias. Não parecia o mesmo. Seis mezes depois vi-o sair dum automovel, cheio de joias e charuto na boca. «Sabes quantos operarios tenho agora? Quasi quarenta! Eu não sou egoista: tudo o que recebi da grande — meti-o no negocio!» Dizia isto para eu ouvir ou para um cavalheiro, que vinha com ele, ouvisse? Para mim não era — porque ele sabia que eu... sabia... que sabiamos os dois que o bilhete estava branco! Um belo dia o homem desapareceu e a oficina mudou de dono. E só então, um antigo operario que me convidara a beber uns copos me deu a chave do enigma. Esse operario tambem desconfiara que aquilo da sorte grande *era fita!* E como poz o ouvido á escuta — apurou o seguinte: o cavalheiro recebera proposta de um espanhol para produzir grandes encomendas — que lhe seriam pagas adeantadamente. Esse espanhol não lhe escondeu o destino dessa produção... Seria levada para uma praia e alguem, dessa praia, a levaria aos submarinos alemães! Para todos os efeitos eram *latinhãs* o que ele tinha que fabricar — mas essas latinhãs tinham a aplicação de matar os inimigos dos alemães, durante as batalhas. Não sei se V. me compreende! E' que, pelo visto, faltava metal á Alemanha e o tal espanhol, depois de esgotar todos os recursos da Galisa — dentro da prudencia — viera até cá. Ambicioso como era o cavalheiro aceitou o negocio — mas ficou com medo das responsabilidades. Era caso para o fuzilarem, pois não era? Teve então aquela ideia de fingir que lhe saíra a sorte grande — e explicar com a taluda o desenvolvimento da sua oficina e a sua riqueza! Um autentico *marau!*

«Mas de toda a minha vida de cauteleiro — o que mais me deu no goto foi um certo matuto que certo dia se fez meu amigo, no botiquim do Silveira. Era um pobre diabo como eu — ou peor do que eu; porque não tinha eira nem beira. E falava sempre no seu projecto — e ainda havia ser milionario. Uma noite levou-me ao seu quarto, cheio de papelada e livros — e destapando uma pequena maquina que tinha sobre o meza — parecia um brinquddo de corda, desses das creanças — confiou-me: «E' esta a minha obra! Ha vinte anos que trabalho nela! E' apenas — ai, como foi que elle disse? Isso: o *modelo em miniatura*. Se alguem me confiasse com contos — eu ganhava muitos milhares de contos em pouco tempo — aqui e sobretudo em Espanha.» — «Mas como? perguntei — «Juras não me traír? Pois se eu um dia construir esta maquina posso dominar, á distancia, nas bolas e nas esferas do Sorteio da Lotaria e fazer sair sempre a *Sorte Grande*, no numero que eu quiser! Calcula tu — que riqueza a minha! Hei-de encontrar o capitalista — juro-te! Durante um mez andei com medo de perder o juizo. Afinal o desgraçado desapareceu e não me consta que tenha realizado os seus projectos.»

E assim terminou a nossa entrevista com «Garantias» — o mais honrado dos cauteleiros.

Memórias de um médico

(Continuação)

tiça que ele amava e com quem vivia. Foi para Bombaim e a *debade* veio á terceira cura. Era uma dama d'alta sociedade sujeitou-se á operação; mas por qualquer precalce, a anestesia não foi perfeita; despertou antes do tempo e não sei o que foi d'horrible, d'infernal, de allitivo que ela viu — que abalou da sala, aos berros, desgrenhada, monstruosa. Tinha enlouquecido! As consequências são fáceis de prever! Uns provavam que se tratava de um bruxedo gran-guignobesco; outros... inventavam os quadros mais horripilantes, em que o sudismo, e vampirismo se misturavam com os actos mais maquiavêlicos que seja possível visionar; e todos atribuíam á colaboração da mestiça e segredo diabólico do médico Os colegas, que... são o que tu sabes — não largaram esta oportunidade para o difamarem. Esteve preso... Perdeu toda a clientela. Tentou reabilitar-se n'outras cidades. Vãs ilusões! Voltou para Timor — onde o ambiente se agravava em hostilidade até ao ponto de lhe recusarem a convivencia. Para cumulo a mestiça morre, depois de longos mezes de doença que acabaram de o arruinar. Veio então para Portugal... Tem passado miséria — e até fome. Tentei em Coimbra, apresental'o — a algumas sumidades. Uns tomaram-no por louco; outros por charlatão; e unico que tinha fé e estava disposto a ajudal'o — desistiu porque o Dr. Weyser teima em não revelar o seu segredo: «Estou pronto a fazer a experiencia; mas preciso vinte contos para... o indispensavel e um canceroso que se preste de livre vontade a ser cloroformisado por mim». Nestas condições — era impossivel! O medico em questão não estava disposto a arriscar a vida de uma creatura nas mãos do Dr. Weyser, sem conhecer o segredo da operação — sobretudo depois do exemplo da dama que enlouquecera...»

Durante muito tempo o Dr. X, uzou de todos os processos para que o «Homem do Cloroformio» lhe revelasse o seu segredo. Inutil esforço: «Para quê? — respondia-lhe sempre o Dr. Weyser. — Para que V. me tome por um louco ou um charlatão? Só praticando uma experiencia V. me acreditaria... ora... já perdi a esperanza de a fazer...»

Não havia forma de lhe arranjar emprego

(Conclue na pagina 15)

FOLHETIM TRAGICO DA RUSSIA

«O estranho caso do morto 446»

N.º 1.º Asef, o Rei da traição

História contemporânea russa é uma viagem inexgotável de tragédias. O capítulo referente aos segredos dolorosos uns, ignominiosos outros do reinado do último Romanoff — só agora é que começam a ser feitos. Recentemente rabiaram por toda a Europa revelações verdadeiramente sensacionais que arrancavam da sombra e do mistério uma das figuras mais sinistras da época — Asef, o rei da traição, que foi, simultaneamente, nilista e espia imperial, trahindo simultaneamente e com a mesma audácia, revolucionários e polícia, viveu e morreu sem que nunca uns ou outros suspeitassem da sua infâmia. Só agora alguns dos investigadores o desmascaramaram ante a Eternidade. Uma ilustre senhora russa, residente no Porto, ofereceu ao «Reporter X» esta narrativa perturbadora e emocionante.

NUM recanto do cemiterio de Wilmersdorf, o melhor ajardinado de Berlim, encontra-se uma tumba cujo unico epitafio são trez algarismos «446»... Os turistas, ao relancear a vista por essa pedra tumular soltando, invariavelmente, uma exclamação de surpresa e de incredulidade. Os berlinenses, durante muito tempo rondaram este misterio sem o decifram. Varios jornalistas o focaram esbracejando no vacuo de hipoteses inverosímeis... Mas por fim — quebrou-se o inigma...

Sob aquela tumba anonima decompoz-se em podridões o corpo de um homem — enterrado ha catorze anos. Esse corpo era alto e vestido com a carne e a gordura suficiente para que possamos classifica-lo de obesso. Encimava-o um craneo geometrico, patologico, de estreita frente; sob a qual brilhavam uns olhos cheios de audacia, mui negros e semelhantes a duas grandes azeitonas. Os labios eram beichudos e caídos; o nariz achatado; as mãos nipônicas, femininas; e as pernas tão curtas, delgadas e curvas que, só por milagre, sustinham o peso do tronco cilindrico e o ventre pançudo.

No mundo, o morto 446 era russo, judeu e chamava-se Evno Asef.

Quem era Evno Asef

Este homem que, pela vulgaridade do seu fisico, parecia destinado a tranquila existencia dum mercieiro de provincia — ocultava a alma mais sinistra de que ha memoria. Foi o traidor mais perfeito, melhor especialisado que existiu sobre a terra. A traição, para ele, era uma vocação, uma necessidade, uma arte, uma sciencia, um prazer, uma fonte de riquezas e daí o podermos considerarlo um traidor genial. A época em que a sua actividade mais se notabilisou — era, de facto, propicia aos seus instintos. Referimo-nos aos ultimos periodos do Imperio Russo — quando o Imperio e o terrorismo-re-

volucionario se degladiavam, sem repouso, nas trevas, rolando uns e outros para a tragedia de Ekterinburgo — onde o czar e a familia foram cruelmente massacrados.

Em todos os tempos se registaram individuos que, impelidos por uma força secreta do instinto, se entregaram de corpo e alma a um ideal, a um fanatismo — ou simplesmente a uma profissão; os grandes misticos, os grandes generais, os grandes revolucionarios, os grandes sábios... Asef só conhecera um ideal: a traição; a traição foi o unico objectivo da sua vida, desde os bancos do humilde liceu de Rostov de Don, sua terra natal, até quando, já com um pé na cova, se alistou na espionagem alemã. Traiu e vendeu gregos e troianos, muitas vezes só pelo guloso prazer de medir — medir as torrentes de sangue vertido graças ás diabólicas manobras da sua vontade. A verdade é



O retrato de Asef, que existe — feito de memória por um conhecido seu.

(Do «Tage-Deutshi-Zeitung»)



...ele traiu sempre, gregos e troianos...

que Asef não pertence a essa categoria de traidores que denunciavam os seus companheiros de luta sob a dor do Knut do cossaco ou para escapar à morte ou à Siberia. Não! Asef ingressou na espionagem imperial russa, não pela brutalidade cruel das circunstancias — mas sim voluntariamente; oferecendo-se, seguindo a sua vocação, pela volupia que lhe provocava o espectáculo dos corpos estirpados pelo dinamite e das traqueias estoiradas pela força.

Como nasce um espiao

Ahi por volta de 1893, a Chefia da Policia Secreta de S. Petersburgo recebeu uma carta, vinda da Alemanha, em que um anonimo propunha revelar-lhe permanentemente a actividade revolucionaria de um grupo de estudantes russos, residente em Karlsruhe — mediante o modesto salario de 50 rublos mensais. A policia russa, não se sabe como, conseguiu conhecer rapidamente a identidade do autor da carta. Tratava-se de um jovem russo, filho de uma familia muito humilde de Rostov, chamado Evna Asef, que, naquela ocusião cursava engenharias em Karlsruhe e que fora obrigado a abandonar a sua terra após uma *escroquerie* cometida de colaboração com outros moços — os quais ele burlara, por fim, passando a fronteira com o produto integro da sua façanha. O Chefe da Policia russa acabou por aceitar os seus serviços; mas, para que ele compreendesse que a policia estava bem informada — dizia-lhe na carta que... «Não julgo equivocar-me cha-

(Conclui na pág. 15)

AINDA OS ESPIÕES

Onde estão, o que fazem, como vivem

Os "azes" da espionagem da Guerra

Que escaparam à morte?

Fala-se, outra vez, com demasiada frequência, na proeza dos espões de varias potencias. Ha poucos dias a policia franceza surpreendeu, em flagrante, um espiã japoniez. Durante a guerra, os beligerantes empregaram alguns milhares de agentes secretos a quem pagavam principescamente. Súbito, vem a paz e essa gente ficou seu trabalho e sem salário. O que faz? Onde está? Eis o tema desta empolgante reportagem.



O único retrato existente de «Mlle. Doutor» que durante a guerra, valia uma fortuna.

UMA noite de 1926, estando eu em farândola de recordações nostálgicas com um velho amigo, camarada ilustre e admirável poeta — Augusto Ferreira Gomes — resolvi subir ao *Monumental* para cearmos um *crème de tomate* e um *chateaubriand* — duas especialidades do club. Numa meza próxima, abancava Baldy Belém — que é, sem dúvida, o nosso melhor detective internacional. Bastou-nos um sinal marcónico para nos prevenir que... não podíamos falar. Pouco depois entrava na sala um casal alvoroçado. Orienta-se e dirige-se à pressa a um *gentleman* pretencioso, de monóculo e insígnia vermelha na lapéla. Baldy ergueu-se e sem alardes, abordou o trio. Não sei o que lhes disse — mas a mesma pálida expressão de terror se afivelou aos três rostos... Saíram acompanhados do detective. Pouco depois telefonava a informar-me. O *gentleman* fazia-se passar por príncipe austriaco — Travesky ou Trowysk, não me recordo bem; — o casal eram seus secretários — mas Baldy tinha sérias razões para supôr que sob aquela máscara se ocultava um escroc famoso cuja prisão a policia ingleza e franceza solicitára da nossa. Baldy andára-lhes na piugada durante dias — e ao amealhar suspeitas suficientes — armára-lhes uma cilada, aquela noite... Ferreira Gomes, ao escutar o nome do príncipe — disse-me:

« O nome não me é estranho; mas seja ou não quem eu julgo — ia jurar que se trata dum cavalheiro do tipo que Chiappe alcunha de «Casul». Como sabes, Chiappe foi, durante a guerra, o grande organizador da espionagem franceza. O «Ca-

sul» é um producto da guerra — mas que só formou essa classificação após o armistício. Durante a guerra foi apanhado pela rodagem dos serviços secretos, e quer espionando a favor dos alemães ou dos aliados, a sua vida, sendo dum risco continuo era também uma continua emoção... bem paga. Graças aos salários quantiosos que recebiam — acostumaram-se a não olhar a despezas e a gozar a existência com aquela sofreguidão dos que esperam sempre a morte para o dia seguinte... Muitos — milhares — ficaram pelo caminho, assassinados misteriosamente ou fuzilados com todo o protocolo! Outros — milhares, também — chegaram vivos e sãos ao final da tragédia. Um belo dia dispensam-lhes os serviços e cortam-lhes os ordenados principescos. Que iriam eles fazer agora? Trabalhar? Já não podiam acostumar-se; mas mesmo que quizessem experimentar — quem os aceitava? E que os aceitasse — quem lhes pagaria o suficiente para continuarem a fazer a vida custosa e esplêndida a que se tinham habituado? D'ái a resolução de uzarem a experiência, a ginástica física e mental, a audácia adquiridas na espionagem — em... proezas lucrativas, doutro género. E' então que o ex-espiã se fóрма «Casul». Ia jurar que esse príncipe que Baldy acaba de prender é... um *casul* alemão.»

E não se equivocára. Ele próprio o confessou depois!

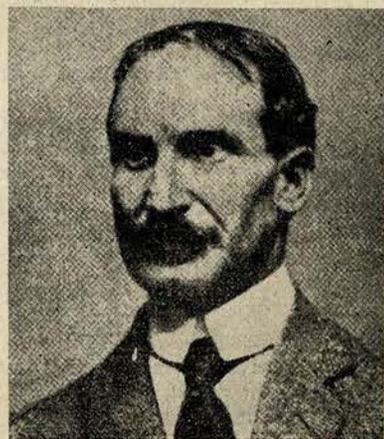
O espiã que viu a morte

Os comentários de Ferreira Gomes provocaram-me uma curiosidade: onde estariam agora, o que fariam e como viveriam os «azes» da espionagem que escaparam ao fuzilamento? Supondo que uma grande parte se fez... «casul» — onde se encontram os outros?

Recordei antes um episódio da minha estadia em Barcelona. Nos mesmos tempos, frequentei, com assiduidade um teatro-cabaret dos mais sugestivos do mundo — «Principal-Palace». Encontrei sempre nesse *cabaret*, acantado a uma meza solitária e distante do bulício, um moço d'óculos, cheio de *tics* nervosos e tremuras; assustadicho; d'olhar esgazado. Dir-se-ia, que pesava sobre ele a ameaça de um perigo inquisitorial. Um dia, um colega catalão contou-me a história daquele moço:

« — Quando rebentou a guerra era ele um rapazote que se estonteava com as primeiras aventuras e orgias. Andava sôfrego por dinheiro. Um dia trava conhecimento com um sujeito que se dizia servio e que lhe fez propostas tremendas. Para todos os efeitos ele entraria como caixeiro viajante de uma empresa exportadora e como tal faria repetidas via-

Continua na pág. 14.



O grego Constantino, espião em Paris por conta dos alemães, que tentou vender Mlle. Doutor e que esta fez fuzilar... pelos francezes!

EXISTE ENTRE NÓS UM INDIVÍDUO

... que encarna trez personalidades, ... que vive trez vidas, ... que possui trez esposas, ... que exerce trez profissões:

AGENTE DE NEGÓCIOS, ACTOR E ENGENHEIRO



Até um adido comercial estrangeiro viera ao Porto expressamente por causa desse assunto

(Continuação da pág. 9)

meteu fazer o possível... A seguir, um jornalista da oposição — generalíssimo da opinião publica foi visitar Z, e, com enorme surpresa do deputado que apenas o conhecia de vista e que não o julgava capaz de se desentronar da prosapia hostil contra os democráticos, pediu-lhe, com vagas insinuações, parecidas a ameaças, que dessem essa missão, ao mesmo individuo já recomendado. Ante esta cartada—Z... não hesitou, conferenciando logo com os marechais da politica e mostrando-lhes as vantagens que havia em contentar aquele adversario, perigoso pelas armas d'ataque de que dispunha. O individuo foi nomeado, partiu... e pouco depois Z, soube, vexado... que o seu protegido abandonara, em meio, a missão, deixando pessimamente impressionados, com a sua descortezia, os estrangeiros com quem devia lidar, como já os deixara com a sua pasmosa ignorancia das materias em trato! O mais alarmante veio depois... E que o cavalheiro, aproveitando-se da situação emboçara perto de 80.000 francos, senão pelo sistema da perfeita trapaça—pelo menos pelos processos mais humilhantes e desagradáveis para quem... o nomeara! Mas—não se esgotou aqui o *affaire*—e se se esgotasse V. não comprehendia a relação que eu podia dar-lhe com o que lhe contei primeiro. Calcule V. o pasmo do deputado Z... e dos seus chefes politicos—quando um jornal que conseguira saber o que se passara nessa missão rompeu fôgo cerrado contra Z e contra os seus chefes por estes accusando-os quasi de cúmplices do comissionado por terem sido eles quem o nomearam; (Este assunto está ao seu alcance e talvez na sua memoria, posto que data apenas de 1924). E para cumulo os artigos eram... eram do jornalista que mais influira na decisão de Z!!! Como succede sempre nestas cousas, os chefes carregaram no pobre Z... as responsabilidades do desaire; e explorando a

porfiadissima situação do deputado, convenceram-no que o seu unico resgate estava em avistar-se com o jornalista e director do jornal em offensiva para lhe recordar que fora graças à sua intervenção que se escolhera tão lamentável individuo para aquela missão e que, o menos que podiam exigir-lhe era uma attitude benevola. Do contrario, atravez dos seus orgãos na imprensa, revelariam ao publico que o comissionado desertor era um protegido do jornalista que agora censurava, entre rajadas de accusações, a protecção dispensada...

«Z... fez das tripas coração—metamorfose anatomica que traduz, nitidamente, a agonia do deputado ao solicitar um *rendez-vous* ao jornalista. Agora—*Coup de Theatre*... O jornalista, por prudencia, recebeu-o na sua casa para as bandas da Estrela—no gabinete do rez do chão. Tinha um *capouchão* lilaz *abat-jour*ando a unica lampada—ficando ele um pouco, na sombra. No primeiro momento... e no nervosismo que o excitava, não notou nada de anormal. Mas quando, no prologo da entrevista, o jornalista declarou que «só conhecia Z... de vista», que a «sua campanha, na gazeta, não tinha intuitos pessoais porque não só não conhecia nem ouvira falar nunca no individuo focado, como não pedira, recebera nem prestara favores aos politicos que tinham favorecido o citado individuo»—Z..., na duvida entre estar sonhando ou acordado—aguçou o olhar e curvou-se ante este facto insofismavel: O jornalista que o procurara, que o levava à tollice de influir naquela desastrosa nomeação—era igual aquele que estava à sua frente—mas... com a differença de ser, evidentemente, *outro*... Z... explicou-me este paradoxo com a seguinte teoria: supõe tu que vês hoje um individuo que apresenta trinta anos, que é mais magro do que gordo, que tem uma determinada estatura; e que passado dias—ou semanas—vês o mesmo individuo, com a mesma cabeça, os mesmos detalhes fisionomicos, mas aparentando 40 ou 50 ancs, mais gordo do que magro e com uma estatura diferente (que na estatura só reparei quando me acompanhou à porta). Pois bem: foi o que me succedeu. O primeiro era como que... uma imitação do segundo, tendo o imitador apenas cuidado da... cabeça!...

Má lingua de bastidores

Estava em scena, no «Nacional» de Lisboa — «1808»... Isto foi, portanto, ha poucos mezes. Henrique de Albuquerque só entrava no primeiro e ultimo acto—passando um bom par d'horas, inactivo no seu camarim. Velho amigo, amigo *du vieux bons temps*—escolhia aquele refugio para palestrarmos. Pouco a pouco e pelo mesmo motivo—foi-se creando uma tertulia: artistas que só entravam num acto ou artistas de outros teatros que estavam livres, jornalistas, escritores, *canard couillissés* etc... Uma noite, recordava-se um drama-lhão representado, ha dez anos, e o artista que o evocava, citando os camaradas que entravam na peça, pronunciou o nome de G... F...—G... F... estreade-se uns anos antes, no Ginasio—e fora feliz... Depois estivera afastado da scena; a fóra depois contratado e pregara partida ao empresario, abandonando o teatro antes da epoca; e um ano ou dois antes tivera varios exitos, no «Politeano».

O artista que falava foi interrompido pelo Henrique de Albuquerque que, repondo a cabeça para o ultimo acto, indagou: «E que faz agora o G... F...? Ha que tempos que

não o vejo...» Um terceiro personagem respondeu: «—Encontrei-o ha dias. Esteve para ir para o Macêdo—mas acabou por aceitar um contrato no... (e citou um teatro que funcionou no ultimo verão, com genero de comedia).»

«—O que mais me intriga—confessou o actor que primeiro evocara G... F...—é o misterio de que ele se cerca. Onde se mete, o que faz, de que vive durante essas longas ausencias? Eu conheço a familia—e conheço-o quando entrou para o teatro. Os paes eram pobres—remediados. Alem disso, como sabem, casou logo ao principio da carreira com uma rapariga que é, realmente bonita—mas que não lhe trouxe dois patacos nem pode ajuda-lo porque passa a vida na cama... E' uma doente. Já lhe tiraram um rim—e o outro ameaça mata-la.»

«—Quando o encontrei, ha dias... informo o outro—vinha muito apinocado... (todos os presentes fizeram comentarios a este detalhe, concludo que G... F... nunca descurdara o porte nem empenhava seus aneis, bons ou falsos, mas vistosos, que lhe, scintilavam nos dedos). Perguntando-lhe onde estivesse—sim porque ha mais de um ano que não aparecia—respondeu com um vago encolher d'hombros; Por ahi... A minha mulher está pior e eu nunca a deixo! «—Isso é mentira! protestou um revisteiro, pertencente a uma parceria do Parque Mayer de que fazem parte uma boa meia duzia de colaboradores—. A minha sogra é vizinha da mulher e da sogra de G... F..., num predio da Rua S.ta Marta. Que ele não falta seja com o que for à mulher—medicos, remedios, enfermeira; e que a familia vive melhor... do que a apparencia da casa podia indicar—isso é verdade. Quanto a assistencia—mente. Está sempre fora... A visinhança até extranha e não atina com o segredo dessas ausencias. Uma bela manhã vem um taxi buscá-lo; ele sai com muitas malas; dizem-lhe adeus à janela—e durante mezes—uma vez foi ano e meio, não se lhe pôe a vista em cima.

Houve um silencio; Henrique de Albuquerque que fora e voltara da scena e a tertulia desfizera-se quasi por completo—ficando apenas a gentil actriz A. M. que escutara, sem intervir, tudo o que se contara de G... F...; eu A. M. saímos do camarim para que Henrique mudasse de roupa e viesse comigo para o pequeno patamar que abre sobre o palco. Circunvagou a vista—e na certeza que ninguém nos bisbilhotava (que esta boa amiguinha e santa rapariga me absolve se sou indiscreto, a pezar-de apenas a designar pelas iniciais) segredou-me:

«—Este G... F... é um homem muito suspeito. Sei uma coisa a seu respeito que... Estou morta por lhe contar—mas não o repita. Pelo menos não diga nunca que fui eu que lhe contei. O pobre rapaz pediu-me segredo e se soubessem que ele me revelara esta historia sofriria prejuizos graves—e, coitado: é casado e tem filhos». «—Que rapaz é esse?—perguntei». «—Já vamos... Tive em tempos uma mulher a dias, uma boa moça que casara cedo demais, que se enchera de filhos e que mourejava noite e dia para ajudar o marido, *chauffeur* mas que estava desempregado. Quando o marido arranhou colocação—num taxi para explorar por cont a dopatrão—a rapariga deixou de trabalhar fóra de casa ficando apenas como lavadeira e engomadeira. A's vezes, ao domingo, quando ia levar-me a roupa, trazia a ranchada dos filhos e o marido, que nesse dia, descançava para tomar o volante à noite—e almoçam todos lá

em casa. Foi numa dessas ocasiões que, já não me lembro a que proposito, o rapaz me contou a historia...—Ele conhecia, havia muito tempo, o engenheiro A. M. disse-me o nome e eu fixei-o) que vive nas Avenidas Novas. Fora esse engenheiro quem se conducera da sua sorte e o recomendou ao patrão do taxi: onde ele trabalha agora. E como fazia a praça de Duque Saldanha, próximo á casa do engenheiro—este escolhera o sempre e era um esplendido freguez, não só porque tem dias de não o largar senão ao fim da noite, como tambem porque é generoso, nas gorjetas.

«Uma vez, tendo marcado serviço para as 10 da noite e indo o rapaz buscá-lo a casa, a creada comunicou-lhe que o patrão já saíra e que deixara ordem para ir buscar o sr. C... F... á Rua de Santa Marta N.º... e o levar onde ele dissesse. Assim fez; C... F... subiu com uma maleta para o carro e deu-lhe uma direcção qualquer para as bandas da Graça. Demorou-se; o rapaz começou lendo o jornal e de repente, sem que tivesse dado pela entrada do freguez, bateram-lhe nos vidros e mandaram-no seguir para casa do engenheiro: «Passa pelo Rocio e pára frente ao Francfort», Pelo caminho apenas notou que o passageiro corria as cortinas... Freinou o carro no local indicado—mas C... F... não saiu. Dez minutos depois tornam a bater nos vidros—e a dizer: «Para casa». O rapaz hesitou: Rua Santa Marta? Avenidas Novas? Ao entrar nos Restauradores ainda voltou a cabeça para perguntar: mas como as cortinas continuassem corridas e como C... F... lhe tivesse falado antes na casa do engenheiro resolveu rodar nesta direcção e uma vez chegado a porta abriu-se... e quem julga você que ele viu sair? C... F...? Não senhor: o engenheiro. «Estás admirado? Não reparaste que o meu amigo saiu no Francfort, e eu entrei?» O rapaz estava quasi a convencer-se que adormecera ou se distraira no Rocio—quando um pequeno nada alertou... Ele conhecia bem o engenheiro: era um homem de 30 a 40 anos, com um pequeno bigode, oculos de aço de tartaruga, ligeiramente fumados e com longas patilhas aciganadas. Que o freguez que saíra do taxi correspondia a todos estes detalhes e que era o mesmo a que ele tantas vezes conduzira no seu carro—não duvidava! Que C... F... trazia uma gabardine escura e o engenheiro estava com um sobretudo alvadio—tambem era um facto. Mas—que significava aquela coincidência—de ambos trazerem a mesma gravata, que C... F... chamara a atenção do *chauffeur*, exotica e berrante, igual, até na forma de dar o nó, á que enlaçava o colarinho do engenheiro?

Um engenheiro suspeito

Disse que fixara o nome do engenheiro. Não foi para alardear boa memoria. Precisava farejar as intimidades daquela existencia. As Avenidas novas são verdadeiros viveiros humanos—e difficilmente se descobre um endereço se não houver outra indicação. Valeu-me a guia telefonica... Na letra J. encontrei a morada... Era meio caminho andado. Busquei durante semanas um ponto de contacto com esse cavalheiro. Valeu-me o dono duma leitaria que está á esquina do quarteirão onde ele vive. Umas cervejas bebidas a uma hora nocturna em que não havia mais freguezes facilitaram o interrogatorio. O engenheiro habitava aquele primeiro andar—ia para onze anos. Ao que parece estava recém-casado quando se mudou. A esposa era uma senhora belga—uma santa!—que ele trazia sempre bem enjoiada e trajada—mas que não era muito venturosa... O marido passava a maior parte do ano fora de casa—e até fora do paiz. Sendo estrangeira—só uma vez a levava consigo! Em 1927 as creadas cochicharam que havia neveiro em casa. A senhora fartava-se de chorar e ele mostrava-se muito aprensivo. Um dia appareceu lá um advogado, fechou-se com o engenheiro e berravam tanto—que se ouyia na cozinha. Duas palavras, pelo menos, feriram os timpanos da cozinheira que

logo as repetiu no mercieiro:—«ladroeira» e «cadeia». Nesse mesmo dia o snr. engenheiro partiu e dessa vez demorou-se até ao inverno seguinte—mas apesar da esposa dizer que ele estava a dirigir uns trabalhos no Congo—*recebia cartas todos os dias*. As vezes, na sua ausencia, vinham dois cavalheiros visitar a senhora—mas sempre separados. Umas vezes era um actor que estava, nessa epoca, num teatro do Parque; outras era um negociante *cujo nome fixei, como fixei o do engenheiro...* E foi o que, de momento consegui apurar...

Foi mais a suave caçada ao negociante Tem um pequeno *apartamento* na Rua de D. Pedro V—que tambem lhe serve de escritorio—mas a sua residencia e da esposa (tambem é casado) é no Porto... Já lá vamos...

Em Lisboa soube que ele não era positivamente um *comerciante* mas sim uma especie de *brasseurs d'affaires*—Negocia em tudo—e tem frequentes tratos no estrangeiro que o obrigam a constantes viagens. Comprou em 1927, *d'accordo com o engenheiro J.*, uma fabrica de louças, pouco distante da capital mas os resultados parece que não foram brilhantes.

A dona da casa contou a alguem que uma noite a casa encheu-se de uns cavalheiros com cara de poucos amigos e que lhe chamaram o que o diabo não gosta d'ouvir. Eram os capitalistas do negocio da fabrica a declararem-se burlados. A culpa pertence só ao engenheiro J., protestava o agente de negocios—Foi ele que me afirmou que era uma pechincha a transacção. Os senhores compreendem... Eu não sou engenheiro—confiei n'ele, que todos consideravam uma competencia e um homem de bem.

Não me orgulho de realizar uma reportagem completa. Quantos dos episodios anotados ficaram suspensos ou sem elo que os aparente á columna vertebral do relato; e outros sou obrigado a deixal-os sem explicação. As informações que sobre este extranho caso do «Homem triplicado»—colhi-as há pouco, no Porto. O agente de negocios vive com a esposa—uma senhora respeitabilissima da melhor burguezia portuense—numa casa propria e *coquette* perto do Carvalhido.

Afirmam-me que a maior parte do tempo está *ausente*, ou em Lisboa ou no estrangeiro. Não existe outra razão para o censurarem. Apenas paira, sobre a sua personalidade, um ponto negro—provocado mais pela curiosidade do burgo do que pelo peso das responsabilidades que, de boa justiça possam exigir-lhe. O caso data de 1828...Havia um negocio de paralelepipedos a transacionar—estando ligado a ele os interesses de varios individuos da cidade de F... Aparentado pela exacta mediania da sua importancia—era uma transacção honesta—e nela estavam empenhadas varias pessoas sobretudo um honesto guarda-livros do Porto que, como tal o encarava e que vendo ali o seu futuro e o dos filhos—tudo sacrificara: os poucos haveres do casal, os proprios ordenados e por ultimo o emprego que era a base do pão quotidiano. Encontrava-se no Porto, no Grande Hotel, um grupo de financeiros espanhóis, dispondo de vastos capitais que já depois de se meterem em empresas de autentico vulto—podiam, com uma pepita do seu ouro, financiarem o negocio dos paralelepipedos. Mas eis que subitamente surge o nosso homem: meche com a terra; atira com a influencia de individualidades que ninguem supunha capazes de fazer certos papeis e obriga-os a falar não só com os suspeitos da cidade de F... como até com os proprios financeiros castelhanos; consegue que um *antigo e efemero agente comercial*, que conhecera, na sua unica missão ao estrangeiro em 1924, um dos financeiros, viesse ao Porto e provocasse uma reunião no Grande Hotel e por fim baseado, num negocio de pouca valia, arranca um capital de *cerca de mil e quinhentos*, destronando o pobre guarda-livros, que fora quem o orientara, quem lhe descobrira o assunto—e que se encontra actualmente em briga com as maiores difficuldades materiaes... Vi-o há pouco tempo; envelheceu vinte anos...

Um pormenor insignificante—para terminar. Aos meus informadores consta que, entre

as influencias que ele agitou se enfileira a de um jornalista que foi expressamente a cidade de F... conferenciar com os individuos ligados ao negocio de paralelepipedos—os quais resistiam a colaborar nos exageros pomposos do plano do intermediario e que, pelo visto, acabaram por ceder ante a pretensão do tal jornalista. Não consegui apurar quem era—mas recordei imediatamente o episodio do *to tografo*... e do *meu retrato* que eu nunca --rei.

Reporter X

QUEM QUER UM TESOURO?

(Conclusão do número anterior)

Na revista «A Mala de Portugal» que se publicou de 1890 a 1895, emitando graficamente o «Ocidente» e... comercialmente a «Mala da Europa!»—visto que se destinava a explorar o mercado do Brasil. Chefiada por um poeta mediocre mas razoavel jornalista—Cristiano Trancoso—encontrei, ha poucos dias, ao folhear um numero de 2 de Maio de 1893, uma noticia que pode—digo pode, hein?—interessar o leitor ambicioso. Essa noticia refere-se a um «achado» nas cavas dum predio da Rua Arco Bandeira... Não diz o numero—mas indica-o da seguinte forma: «A firma Gomes, Fonseca & Filho, cujos escritorios estão instalados na Rua Arco Bandeira, necessitou realizar algumas obras nas caves que tencionava aproveitar para novos armazens. Os operarios, ao cavarem o solo terreo, para depois o lagearem convenientemente, foram surpreendidos por uma rizeza contra a qual o ferro nada podia. Apos algum trabalho arrancaram a terra que velava o misterio e viram os bordos de um poço, delicadamente arendelhados. O sr. Moniz Carrasco, o irudito arqueologo, que as examinou, afirma que o poço deve datar do seculo XVI. O mais curioso é que poço apenas tem dois metros de profundidade, sendo logo fechado por umas pedras...». A noticia, que é ilustrada com duas gravuras de madeira, uma representando a cave, os operarios e o sr. Moniz Carrasco; a outra detalhando os bordos do poço—nada mais nos revela...

Mas... ainda deve ser tempo. O inquilino que habita o predio da Rua do Arco Bandeira onde outrora esteve a firma Gomes, Fonseca & Filho e em cuja cave nascem os bordos dum poço—deve, sem demora, arrancar as pedras que lhes servemde falso-fundo. Quem sabe se as joias dos jesuitas ainda lá estão? E digo quem sabe—porque é muito possivel que o marquês de Pombal, apezar de todas as suas cautelas e vigilancias tivesse sido burlado por qualquer dos seus comissarios; ou que estes o fossem pelos operarios—e que essas joias estejam hoje formadas numa dessas fortunas de rajah que abundam por ahi e cuja procedencia foi sempre um inigma para todos...

Memórias de um médico

(Conclusão)

—mas todas as semanas, aparecia duas, três vezes, finda a consulta, para saber notícias... O verdadeiro objectivo das suas visitas era outro... Por ultimo—não precisava dizer-me nada: quando saía do gabinete do doutor já eu lhe tinha preparado o frasquinho com um dedal de clorofórmio... No fim dum ano, a meio da consulta, entrou, espavorido, o engenheiro que o apresentara. «Vem depressa... O pobre Dr. Weyser está muito mal...» «O Dr. X—com uma presteza que me extranhou—preparou-se logo para partir; mandou sair os clientes que esperavam e disse-me para o acompanhar. Só horas depois compreendi a razão desta ordem... O pobre Dr. Weyser vivia num quarto alugado, num prédio velhissimo e numa rua em que o taxi não podia entrar. Subimos a sua mansarda. Ainda não lhe tinha acabado de dar o primeira injeção de cafaina—quando ele expirou... Imediatamente o Dr. X e o engenheiro começaram a vasculhar a papelada... É uma simples curiosidade...—murmurou o Dr. X olhando-me de esguelho. Felizmente que a menina é testemunha que não levamos nada do espolio! Estava explicada a necessidade da minha presença...

Subito, o engenheiro, exclamou: «Olha: ele esteve a queimar papeis!» Havia, a um canto do quarto, um lavatório de ferro cuja bacia estava cheia de cinzas... Só uns pedaços de papel manuscrito tinham escapado ao auto de fé... O Dr. X correu para eles, sofregamente—mas apenas pode ler frases soltas sem sentido... «Segredo dos indigenas da ilha...»—«O meu professor, o feiticeiro da tribo de...»—«Vi então que eles creavam umas serpentes chamadas Te...»—«aplicava à boca da serpente a...»—«por fim a serpente caía morta mas a doente estava...»—«acordou e ao ver a serpente colada ao seu peito...»

E era tudo quanto restava do segredo do «Homem do Clorofórmio...»

A enfermeira do Dr. X

Ler no próximo numero: «As luvas amarelas do sr. Conde»

FOI UM POETA FADISTA

O Creador do tango Argentino?

(Conclusão)

Pernoitando na fazenda — notou que os *gauchos* e a raparigada do lugar cercava o estrangeiro. Este, pouco depois, tocando e cantando com uma voz húmida de nostalgia e num espanhol mui regular — revelou-lhe trez ou quatro canções, inéditas para Toscani, mas que, na sua competente opinião, eram as mais belas que excutara até então! Averigou logo quem era aquele moço precocemente envelhecido. O amo contou-lhe então que lhe apparecera um dia a pedir trabalho, tão triste, tão humilde, tão resignado que embora não aparentasse força sufficiente para labutar na fazenda, o aceitou... Como era insuado, falava francez. ficou como professor dum filho do patrão — em troco da cama e comida. Mas uma noite, dois chilenos — que ele despedira por suspeita de roubo, tentaram assassinar o amo — enquanto este dormia; e não teria escapado á morte, senão o facto do estrangeiro ser noctívago

por atavismo, estando a rabiscar versos até meia madrugada. Escutando, fosse o que fosse, o jovem veiu espreitar e intervem tão a tempo que o patrão nada sofreu. O que mais admirava o amo foi o desembaraço, a agilidade e o *jogo de pés e mãos*, que o moço usara na luta contra os dois chilenos. Nunca supozera que um «caniço» como aquele, que parecia ético, se aguentasse como se aguentou num pugilato desigual — estando os adversários armados... A partir dessa noite — o estrangeiro começou a ser respeitado, mimado mesmo, por todos. Mas o que lhe grangeara maior simpatia, não só ali, como nos arredores, era a facilidade com que ele improvisava a letra e a música das suas canções — e a voluptuosa e melancólica harmonia dessas canções. Quanto á sua vida, ao seu passado, apenas sabia que era portuguez, que não era tão novo como aparentava visto que ia para os quarenta, que tivera desgostos com a familia lá em Portugal por causa de uma mulher e que, como que o sustentara até então, lhe cortara os viveres, resolvera aventurar-se até ao Brazil para espreitar-se como... *trabalhador*.

Mas como o trabalho era uma arte inédita para ele, passara dias horribes no Rio de Janeiro — até que, já quasi a resvalar na indigénia, teve o capitão dum barco, um antigo camarada da boémia, em Lisboa, que o trouxe de graça, ao Rio de La Plata. Mas a pouca sorte perseguia-o; e não conseguindo empregar-se em Buenos-Ayres — decidiu-se atravessar as pampas e... ali ficou. O amo sabia estes detalhes de José Pires. Adão — era este o seu nome — porque ele, uma vez, lh'os revelara. Dissera tambem que o seu amor ao canto e a música popular e as suas leviandades é que haviam gafado a sua juventude; que era muito conhecido entre os boémios de Lisboa que o gostavam de ouvir e que lhe chamavam o «Mavioso». Toscani quiz ser-lhe apresentado e pediu-lhe algumas daquelas canções para as editar. Houve só uma dificuldade: é que Pires-Adão inspirando poeta e compositor musical... mal sabia escrever a música que improvisava porque nunca o aprendera... Tão interessado estava o italiano que apezar da sua sovinice, foi buscar á cidade um *musico* para este, ouvindo Pires Adão, escrevesse as suas canções. Que plasticidade a desse espirito que compunha, num idioma que não era seu, versos dum sabor tão argentino, tão *gaucho* que ainda não houve que o suplantasse. Entre as poucas canções que Toscani editou figurava o «Tango Mavioso», que durante muitos anos appareceu sob o nome de Canção. O éxito obtido pelas primeiras obras de Pi-

res Adão passou a fronteira e no Chile, como Uruguay, na Bolivia, como no Peru — como na Argentina — não havia casa com piano que não tivesse uma das *cânções* do «Mavioso». A sua popularidade foi-se dilatando rapidamente; e os últimos vinte anos de sua existência, fixou na cidade do Rozario onde o consideravam, não um estrangeiro illustre mas sim uma gloria nacional — cidadina. Não tem conta o número das suas produções — sobretudo tangos — e qualquer delas é um mimo de composição, de delicadeza, de melancólico sustento. Era acolhido, com respeito, pela melhor sociedade do Rozario e sua morte, (1886) causou um profundo pesar em toda a Argentina.

O estranho caso do morto 446

(Continuação)

mando-o sr. Asef e queira dizer-me se a minha correspondencia, em vez de ser dirigida para a Posta Restante, como indicava, pode ir para Schutzerstrasse 22, onde, segundo julgo, o sr. vive actualmente.»

Longa, agitada e emocionante foi, sobre todos os aspectos, a carreira de Asef — revolucionario terrorista e agente secreto imperial, simultaneamente, e ora traindo uns, ora outros... Durante 19 anos serviu ele a policia russa, 6 como simples *indicador*, na Alemanha; e os restantes como agente provocador em toda a Europa, com amplas faculdades e completa autonomia. E attingiu tal perfeição no seu officio que o consideravam o melhor espião da policia imperial. Pouco tempo depois de se alistar, um dos chefes escrevia o seguinte, a seu respeito: «As informações de Asef distinguem-se de todas pela sua precisão, eficacia e ausencia absoluta de lenga-lenga inutil.» Outro chefe — o famosa Ratayef — escreveu tambem o que segue: «Se não me deixam Asef a meu lado — não garanto que este *serviço* seja realizado com exito». Uma das grandes faculdades de Asef era a sua memoria visual. Não havia rua nem beco em Petersburgo que ele não couhecesse até á minúcia. Nunca tomava notas... por prudencia (e graças a este detalhe salvou-se varias vezes de ser desmascarado); mas retinha uma infinidade de direcções, nomes e numeros de telefone — e este talento especial valeu-lhe a fama que gozava, tanto na policia como entre os revolucionarios.

(Continua no proximo numero)

Os «Azes» da Espionagem da Guerra
Por absoluta falta de espaço conclue no próximo numero.

PASSA-SE BEM
O VERÃO NO
ESTORIL?

O verão, e o inverno!

Se os estrangeiros preferem
o **ESTORIL**, qual a razão
porque os portugueses hão de
procurar Biarritz, Deauville,
Ostende, etc. ?

A Costa do Sol=igual a Cote
d'Azur; mas... é costa do sol
mesmo no inverno